

o futuro é feito à mão

"Quem estiver neste momento com alguma coisa que tenha feito pessoalmente por favor levante o braço." O chamamento foi feito à queima-roupa pelo urbanista Tomas Diez, diretor do Fab Lab Barcelona, num casarão do século 19 na Cornualha, no sudoeste da Inglaterra. Éramos cerca de 140 pessoas, provenientes de duas dezenas de países, ali reunidas em setembro de 2013 para a conferência Making Futures: The Crafts as Change Maker in Sustainably Aware Cultures ("criando futuros: o artesanato como agente de mudança em culturas sustentáveis"), promovida pelo Plymouth College of Art.

Cerca de 30 participantes levantaram o braço. Tomas então explicou que tem feito essa pergunta em suas palestras, constatando um crescimento veloz da porcentagem de pessoas que fazem coisas para uso próprio. De fato, o movimento de valorização do "feito à mão" se espalha a olhos vistos no mundo todo. Os prognósticos do início do século 20, pós Revolução Industrial, de que o artesanato iria progressivamente desaparecer não só não se confirmaram como, um século depois, o que se observa é uma expansão do lugar e do papel do artesanato na contemporaneidade.

Esse crescimento se lastreia não mais meramente na capacidade dos objetos de atender à sua função, mas na sua dimensão simbólica. Ao contrário dos objetos feitos por máquinas, todos idênticos e impessoais, aqueles feitos à mão trazem a seus usuários calor humano, singularidade e pertencimento, valores que, num mundo globalizado, passaram a ser artigo de primeira necessidade. Eles têm a beleza da imperfeição – ou a "boniteza torta" de que falava a escritora Cecília Meireles – e envelhecem com dignidade, transmitindo cultura e memória.

Um dos primeiros autores a antever a situação que estamos vivendo hoje foi o mexicano Octavio Paz. Em ensaio de 1973, Paz já detectava: "Ainda há poucos anos era opinião geral que o artesanato estava condenado a desaparecer, deslocado pela indústria. Hoje acontece precisamente o contrário: para bem ou para mal, os objetos feitos à mão já fazem parte do mercado mundial. Os produtos do Afeganistão e do Sudão se vendem nas mesmas lojas onde se podem comprar as novidades do desenho industrial italiano ou japonês. O renascimento é notável, sobretudo, nos países industrializados e afeta tanto o consumidor como o produtor. Onde a concentração é maior, assistimos à ressurrei-

ção dos velhos ofícios de oleiro, carpinteiro, vidreiro; muitos jovens, homens e mulheres, enfatiados e enojados da sociedade moderna, retornaram ao trabalho artesanal".

Trinta anos depois das proféticas palavras desse Prêmio Nobel de Literatura, a Fundação Prince Claus para a Cultura e o Desenvolvimento, da Holanda, lançou o livro *The Future is Handmade* ("o futuro é feito à mão"), que analisa esse fenômeno em suas várias vertentes. A mesma expressão foi usada pela Unesco para designar uma conferência internacional realizada na Índia em 2012, na qual pude aprender com o professor Ashoke Chatterjee, ex-presidente do Instituto Nacional de Design da Índia, como Gandhi colocou o artesanato no coração da luta pela liberdade de seu país e como suas palavras reverberam ainda hoje.

Tanto no sul da Ásia quanto na América Latina e na África, o movimento de valorização do objeto artesanal ganha contornos especiais com o crescimento da colaboração entre designers e artesãos. No Brasil, nomes como Renato Imbroisi, Heloisa Crocco e Marcelo Rosenbaum se destacam nesse cenário. Entre os objetos recém-saídos do forno, estão as peças feitas por cinco organizações coletivas situadas no sertão de Alagoas e de Sergipe, com a orientação dos designers Aldi Fios, Zizi Carderari, Adriana Fortunato, Kelly Oliveira, Beatriz Martinez e Adriana Fernandes. Elas integram um projeto concebido e implantado pelo IPTI (Instituto de Pesquisas em Tecnologia e Inovação), em parceria com o Sebrae Nacional e com o Governo do Estado de Sergipe, e estiveram em fevereiro e março na exposição *Transgressão*, apresentada no A Casa – Museu do Objeto Brasileiro, em São Paulo.

Um aspecto muito interessante nesse renascimento é como as técnicas e habilidades manuais podem se mesclar com a tecnologia digital na criação de novos produtos – mas essa é uma outra história, para uma outra vez.

Em tempo: designers atuantes nesse segmento, pensadores e acadêmicos se reúnem nos dias 24 e 25 de setembro deste ano na Inglaterra para uma nova edição do *Making Futures*, desta vez focada no tema *Craft and the (Re)turn of the Maker in a Post-global Sustainably Aware Society* ("artesanato e o retorno do maker na sociedade sustentável pós-global"). Se Tomas Diez lá estiver, certamente a resposta à sua provocação será ainda mais contundente.

'os prognósticos de que o artesanato iria desaparecer não se confirmaram: os objetos feitos à mão trazem a seus usuários singularidade e pertencimento, valores de primeira necessidade no mundo globalizado'



Transgressão

Imagens de artesãs do sertão de Sergipe e Alagoas confeccionando bordados. O projeto de capacitação e incentivo ao artesanato foi implantado pelo IPTI e conta com a orientação de designers.